

PODCASTING MACUNAÍMA: ESTÉTICA ANTROPOFÁGICA NA EXPERIÊNCIA DE ADAPTAÇÃO DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE

PODCASTING MACUNAÍMA: ANTHROPOPHAGIC AESTHETICS IN THE ADAPTATION EXPERIENCE OF MÁRIO DE ANDRADE'S BOOK

Lisiane Machado Aguiar¹, Luan Correia Cunha Santos¹

¹ Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, RR, Brasil
lisiaguiar@gmail.com; luanjack@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7840-0923>; <https://orcid.org/0000-0001-5645-4042>

Recebido em 30 jan. 2020

Aceito em 10 abr. 2020

Resumo: Neste estudo buscamos dar ênfase no processo de adaptação da obra de Mário de Andrade *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* para a linguagem híbrida do *podcast*, pensando uma atualização do movimento antropofágico para uma metodologia comunicacional, capaz de possibilitar maior pluralidade para a peça literária e múltiplas construções de sentido e produção de subjetividades. Abordamos as etapas de produção para a série de *podcast*, problematizando o uso das especificidades que esta linguagem emergente nos oferece para enriquecer a experiência do ouvinte e promover outras perspectivas de inclusão. Partimos de um estudo genealógico sobre as virtualidades da rapsódia, da antropofagia e do *podcast* para pensarmos o conceito de atualização (BERGSON, 1999), tendo como base uma linguagem híbrida, resultante da fusão de características do rádio e da web. Adotamos como referência quatro traços do movimento antropofágico: adesão ao primitivismo; constante consumo de identidades; exaltação do nacional e; o “entre-lugar” da América Latina (COUTO, 2009). Com esta conexão pudemos explorar características do produto da adaptação, assim como o seu processo, percebendo como essa atividade pode se configurar como uma ferramenta de múltiplas leituras, uma vez que o a produção de Mário de Andrade passa a ser acessada na forma de *podcast*, com características próprias construída em uma estética antropofágica, pensada para explorar o exercício imaginário e oferecer outras construções de subjetividades.

Palavras-chave: Macunaíma. Podcast. Antropofagia.

Abstract: In this study we seek to emphasize the adaptation process of Mário de Andrade's work *Macunaíma: hero without any character* to the hybrid language of the podcast, thinking about an update of the anthropophagic movement to a communicational methodology, capable of enabling greater plurality for the literary piece and multiple constructions of meaning and production of subjectivities. We approach the production stages for the podcast series, problematizing the use of the specifics that this emerging language offers us, to enrich the experience of the listener and promote other perspectives of inclusion. We started from a genealogical study on the virtualities of rhapsody, anthropophagy and podcast to think about the concept of updating (BERGSON, 1999), based on a hybrid language, resulting from the fusion of radio and web characteristics. We adopted four features of the anthropophagic movement as a reference: adherence to primitivism; constant consumption of identities; exaltation of the national and; the “in-between” of Latin America (COUTO, 2009). With this connection, we were able to explore the characteristics of the adaptation product, as well as its process, realizing how this activity can be configured as a tool with multiple readings, since Mário de Andrade's production starts to be accessed in

the form of a podcast, with own characteristics built on an anthropophagic aesthetic, designed to explore imaginary exercise and offer other constructions of subjectivities.

Keywords: Macunaíma. Podcast. Anthropophagy.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho refletimos sobre o processo de adaptação da obra literária *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade para o formato de linguagem híbrida do *podcast*, pensando uma atualização do Movimento Antropofágico como metodologia para uma estética sonora, tendo como base o movimento artístico-literário cunhado por Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade. Nossa intenção com essa proposta é explorar a plasticidade presente nas diversas linguagens que se unem para integrar essa adaptação. Propomos outras formas de interação com a obra de Mário de Andrade e com a linguagem *podcast*, a fim de possibilitar múltiplas construções de subjetividades.

A estética antropofágica neste trabalho é acionada como forma de diálogo com subjetividades e estimulação do imaginário. Sendo *Macunaíma* uma obra interpretada como antropofágica (SANTIAGO, 1972), buscamos criar novas conexões entre produções de sentido na adaptação da peça literária. A rapsódia foi criada tendo como base estudos antropológicos de diversas etnias brasileiras, nos textos do etnógrafo Theodor Koch-Grünberg, e também das viagens que Mário de Andrade realizou, especialmente no norte e nordeste brasileiro. Assim, criou um personagem que se tornou metáfora para a compreensão de alguns aspectos culturais do Brasil. A narrativa inova com diversas passagens mágicas, religiosas, “desgeografizantes”, evidentes hibridismos culturais entre nacional e estrangeiro e, logo em seu lançamento, foi relacionado com o movimento antropofágico da década de 1920 (MELO, 2010).

Em tempos em que tecnologias híbridas nos possibilitam a multiplicidade na forma de contar histórias que contribuam para a diversidade cultural, alçar uma jornada em busca de novas ferramentas narrativas é fundamental para a valorização e atualização do conhecimento. Assumindo esta perspectiva, a proposta desse projeto é de atualização entre o ato antropofágico (literário-artístico) e o *podcast* (comunicacional).

Quando falamos sobre atualização estamos tratando de transformações de um elemento que passa do seu modo virtual (aquilo que só existe em campo teórico e que tem a possibilidade de se concretizar) para seu modo atual, ou seja, a forma como ganha concretude em determinado espaço temporal. A atualização passa pelas mudanças efetivas pelas quais todo corpo físico ou teórico está submetido a partir do movimento de criar e modificar o que já existe (BERGSON, 1999).

O *podcast* não se trata apenas de um programa de rádio online, ou um arquivo de áudio no ciberespaço, mas sim da forma como a internet se transforma junto à matriz sonora para possibilitar múltiplas formas de produção e acesso de conteúdos, com tendências mais plurais e emancipadoras. Podemos definir ainda o *podcast* como processo de emissão e distribuição de conteúdo sonoro por meio de RSS e assinaturas, embora traga ambiguidades já que, também, podemos denominar de *podcast* os conteúdos em si (programas), modos de circulação (distribuição) e o gênero (OLIVEIRA, 2018).

Nesta pesquisa o definimos como uma mídia híbrida, resultante da transculturação entre a linguagem sonora herdada do rádio e as lógicas de produção e veiculação da internet. A *podosfera*, enquanto o totalizante de elementos que envolvem o *podcast*, é um campo que podemos perceber de forma intensa uma zona de trânsito, em que sujeitos comunicantes são produtores e consumidores. Suas produções são quase de grande parte protagonizadas por não profissionais da Comunicação, possibilitando um acesso inédito a esses sujeitos.

A pesquisa trata de adaptar uma importante obra brasileira, o livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, para a linguagem sonora, com o intuito de descobrir e relacionar características da antropofagia na adaptação, assim como, a partir da Comunicação e da literatura, experimentar estéticas sonoras híbridas. Para isso, tomamos os traços norteadores do movimento antropofágico: adesão ao primitivismo; constante consumo de identidades; o “entre-lugar” da América Latina e; exaltação do nacional (COUTO, 2009).

Transformar a obra *Macunaíma* em um *podcast* não se trata apenas de uma forma inédita de adaptação, visto que a criação de Mário de Andrade nunca antes foi revisada de tal maneira, mas também garantir que esteja presente em uma linguagem que

possibilite a multiplicidade de seu alcance. A adaptação contribui para uma maior popularização da obra literária de Mário de Andrade, promove a inclusão de pessoas não letradas ou com algum tipo de deficiência visual, tendo elas acesso ao texto de *Macunaíma* na íntegra, de forma gratuita e, com uma estética pensada para promover maior interação e construção de subjetividades. Desta forma, pensamos cenários de produção de *podcast* que possibilitem o incentivo à imaginação e ao pensamento crítico.

Para dar conta do processo de atualização, dividimos o trabalho em três etapas metodológicas. A primeira diz respeito à genealogia da antropofagia e do *podcast*, com o intuito de identificar as virtualidades destes dois campos de conhecimentos. Passamos então para os conceitos teóricos que nos permitem criar uma atualização entre ambos. Na terceira etapa, relatamos o processo *podcasting* e como efetuamos a atualização antropofágica para a linguagem híbrida do *podcast* tendo como objetivo a adaptação de *Macunaíma*.

GENEALOGIAS

Neste estudo, quando propusemos uma atualização antropofágica não delimitamos apenas uma (re)visita teórica. Nossa proposta fala sobre atualizar a antropofagia para uma linguagem estética híbrida, tencionando nela fundamentos das comunicações, os sujeitos comunicantes, as relações de saber e poder e desloca a antropofagia para uma criação tão híbrida e transculturação quanto à própria vanguarda pensando a pluralidade na obra literária de Mário de Andrade. Nossa intenção é compreender a plasticidade do conceito aplicado a outros campos de produção, e como essas aplicações se traduzem em um ganho mútuo para as áreas da comunicação, literatura, estética e produção de subjetividades.

Em dado momento da pesquisa, enquanto a adaptação de *Macunaíma* para um *podcast* era estruturada, começamos a pensar seu processo metodológico. Percebemos que a história de Mário de Andrade, muito além dos discursos, tinha como inovação a forma do dizer. A rapsódia se apresentava com ritmo próprio, uma desconexão provocada, um caos cômico instigante, ironia e sátira em tom de crítica.

Elementos esses que não eram apresentados somente através do texto, mas nos contextos, nas entrelinhas, de uma forma subjetiva.

A partir desse momento, adaptar a obra de Mário deixou de ser uma jornada de transformar os textos escritos em fonemas pronunciados. O texto virou objeto para uma estética subversiva. Passamos a questionar menos como iríamos representar o cenário de uma comunidade indígena no mato-virgem brasileiro e sim como provocar múltiplas construções de sentido para o ouvinte, de forma que a riqueza da obra literária não se perdesse nas palavras fielmente pronunciadas como fonemas.

O movimento antropofágico buscava integrar nas artes e literatura temas de interesse nacional. No entanto, seu desenvolvimento só surge do contato das elites brasileiras com as sociedades europeias, como se somente a partir de tais vivências e todo seu fardo civilizatório fosse capaz de se revelar características brasileiras. As correntes científicas-artísticas europeias significavam decadência precisando serem suplantadas pela instauração do princípio nacional brasileiro e sua força regeneradora (ATHIAS, 2007).

A antropofagia artística-literária não apenas rompeu com uma linha de estudos científicos e produções com influência estrangeira, especialmente de origem europeia, como também entrou em uma empreitada de forjar uma identidade para um Brasil e América latina que se apresentavam diferente do então modelo civilizatório conhecido (ATHIAS, 2007). Ressaltava a necessidade de assimilação do estrangeiro para a exportação da cultura do Brasil, com claras intenções de igualar esta a importância e influência que a europeia exercia no campo das artes (COUTO, 2009).

Segundo Schwarz (1989), devido a sua exaltação ao primitivo, encarado em obras literárias e artísticas, através da figura do indígena, o Brasil devolveria à cultura europeia, cansada e fadada ao fracasso, uma perspectiva livre da maceração cristã e do capitalismo. A busca pelo primitivismo se materializa em um cenário político anterior e oposto a tais modelos de desenvolvimento europeus em decadência, segundo os modernistas.

Se evocarmos a estética do movimento antropofágico, este se apresenta como uma forma alternativa de pensar os padrões literários e artísticos propostos pelo estrangeiro. Inverte a polarização normatizada como positiva, considerando os

parâmetros anteriormente associados como negativos. A antropofagia passa do campo estético - implícito e subjetivo - para o político, a partir da tomada de consciência de condições estruturantes que se dá no contato com o outro. Por ser político, se constrói no diálogo e perpassa nele para pensar o estético, o subjetivo e implícito, como uma forma de tensionar as condições estruturantes.

Desta forma, podemos desenhar quatro traços importantes para pensar a antropofágica. Estes que nos guiaram no processo de atualização de *Macunaíma* para *podcast*. São eles: adesão ao primitivismo; constante consumo de identidades; exaltação do nacional e; o “entre-lugar” da América Latina (COUTO, 2009).

Quando evocamos o *podcast*, apesar da notória diferença de temporalidades entre esses dois campos, notamos uma semelhança quando nos referimos à sua forma de fazer. Assim como a antropofagia, o *podcast* tem sua origem no exercício crítico de delimitar normatizações dos padrões radiofônicos. Busca pensar uma linguagem que possibilita mais liberdade de produção e Comunicação entre os sujeitos, sejam eles produtores ou ouvintes, exploração criativa de conteúdos e estéticas e maiores aberturas para democratização de conteúdo (YOSHIMOTO, 2014).

Apesar de ter grandes influências na linguagem do rádio, por conta de sua matriz sonora, este incorpora características da web, criando então linguagem híbrida. Com base nos estudos genealógicos do próprio *podcast*, criamos para ele uma definição em nossa pesquisa, caracterizando-o como uma linguagem híbrida, fruto da transculturação entre duas linguagens distintas e complementares, o rádio e a web. Esse arranjo nos permite encontrar pontos conectáveis entre a estética antropofágica e do *podcast*.

ATUALIZAÇÃO DA ANTROPOFÁGICA E DE *MACUNAÍMA*

Pensar a adaptação de *Macunaíma* para *podcast* a partir de uma estética antropofágica, é pensar uma atualização da literatura, sua corrente literária e os processos híbridos modernos em que ocorrem o consumo destas obras. Como então podemos pensar essa atualização? Esta pode ser definida como um movimento de trânsito entre um elemento do seu modo virtual para o modo atual. Desta forma ele

passa a ser aquilo que se materializa, que ganha forma no mundo. E tudo o que pode ser materializado, pode ser encontrado em seu estado virtual (BERGSON, 1999).

Segundo Deleuze (1999), esse processo de atualização passa por acessar o objeto de estudo em seu estado virtual – enquanto algo passível de ser colocado em prática, mas que só se expressa em campo teórico, para o ponto em que o autor denomina de “viravolta”, em que ocorre a inflexão do objeto, que transita entre o virtual e o atual – seu estado materializado.

Tratar de uma atualização é falar sobre trânsito, não pensar o ser, mas o estar. Dar ênfase nas temporalidades expressas nesse processo. Ou seja, realiza-se ao buscar o movimento antropofágico, bem como *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* e o *podcast* em seus estados virtuais e assim flexioná-los onde tomam forma, uma linguagem híbrida como adaptação e atualização.

Os conceitos de atualização e virtualidade, estudados por Bergson (1999) perpassa por dois fatores: duração e espaço. Ao primeiro, o autor refere-se através do termo multiplicidade virtual, em que as coisas se distinguem entre si por natureza e relação as demais. As diferenças de natureza são justamente aquelas que dão conta de tratar o que difere objeto de outro, bem como suas alterações, por isso está ligada a questão de duração.

É a partir do passado e seu posicionamento temporal que as virtualidades estão armazenadas, este passado que podemos chamar de memória, que está sempre em vias de ser atualizado. A movimentação de atualização ocorre com base na diferenciação, pois é onde podemos perceber as diferenças de natureza temporais de um objeto. O virtual é sempre um passado estabelecido a partir de sua relação com o presente, com enorme potencial de atualização a qualquer momento e que, nesse processo, pode-se unir a outras virtualidades.

A atualização do movimento antropofágico então, só é possível porque há uma relação de duração e de tempo nesse processo. Se não existisse uma memória de um passado antropofágico, este não existiria virtualmente, tão pouco, materializado em uma atualização, o mesmo ocorre com a obra de Mário de Andrade.

Partindo desse princípio de atualização, e tendo como base as virtualidades presentes na obra literária, no movimento antropofágico e nas genealogias do *podcast*,

passamos para o processo de adaptação e atualização, potencializando suas características flexionadas.

ADESÃO AO PRIMITIVISMO

O primeiro passo para aderir ao primitivismo na adaptação foi dar centralidade às músicas, compreendendo estas quase como um personagem complementar da história. Ela tem seus momentos de protagonismo, espaços de vazio, em que sai de cena, momentos de interação com outros personagens e por si só, em sua complexidade de arranjo e forma, consegue trazer narrativas paralelas ao enredo de *Macunaíma*.

Podemos problematizar, como a música, uma composição tão complexa, pode ser considerada como elemento primitivo em um *podcast*? Tomamos a matriz sonora composta por música, efeitos sonoros e voz. A voz, por se tratar de uma linguagem única, em um idioma específico e tratar de diversas significações exige grande exercício de capacidade cognitiva (CARVALHO, 2007). Este precisa estar conectado com a história, com a fala em um processo ativo de decodificação dos fonemas pronunciados. Se alguém que não domina a língua portuguesa falada no Brasil, por exemplo, for escutar um *podcast* brasileiro, não conseguirá entender o contexto, a história.

Os efeitos sonoros, por sua vez, na maioria das produções sonoras convencionais no ocidente buscam “representar uma realidade”. Ser fiel ao som de algum objeto ou pessoa. Exige do ouvinte também um processo ativo de decodificação, a partir de uma convenção sobre o que pode ser considerado real. E, ainda que não façamos usos convencionais de efeitos sonoros que buscam representar, as construções plásticas de outra narrativa sonora a partir do uso de efeitos, exige um “acordo silencioso” entre produtor e ouvinte (CARVALHO, 2007).

A música, por mais que convide à múltiplas conexões e decodificações, assim o faz de maneira mais primitiva, ao tratar de sensações e emoções. A música é capaz de despertar sensações no processo de construir subjetividades nos sujeitos. A centralidade da música no *podcast* é dada, pois é partir das sensações que serão evocados os sentimentos e posteriormente, a racionalização. Ela é o elemento mediador de todo o constante consumo de diversos elementos que a ela se juntaram.

Destes arranjos, mediados por ela, se construirá algo diferente. Assim, a cada ouvinte, a cada nova escuta, uma outra evocação de subjetividades e múltiplas construções de sentido são potencializadas.

Sobre o projeto de adaptação de *Macunaíma*, nossa contribuição neste aspecto é a composição de músicas e a forma como estas são reorganizadas de uma maneira subversiva, inédita e a forma como irá se compor junto da narrativa de Mário de Andrade.

Tratando-se de uma linguagem híbrida (*podcast*), somente atualizar os traços antropofágicos para a linguagem sonora não nos capacitaria para atualizar as virtualidades de um *podcast*, especialmente depois de traçar sua genealogia. Poderíamos ter construído um *audiobook*, uma rádio novela, ou qualquer outro produto de áudio que não fosse um *podcast*.

Nesta pesquisa, tomamos a perspectiva de que *podcast* se dá na construção de personalidades interessantes. Essa construção normalmente é feita no relato oral, em um contar de uma história, ou até mesmo em uma característica da voz. Neste ponto, buscamos imprimir personalidades ao projeto de uma maneira subjetiva. Os arranjos estéticos evocados a partir de nossas subjetividades entram em contato com a construção de sentido do ouvinte. Estamos assim, em uma relação de intimidade para além daquilo que as palavras podem moldar. É uma intimidade estética.

Assim, damos continuidade a características da internet presentes no *podcast*, como é o caso da intimidade (representada pelo contato com a audiência) e a impressão de personalidades (personalização), porém atualizando esse traço e propondo que esta pode ser colocada de múltiplas formas (YOSHIMOTO, 2014). O uso da música como elemento central na construção de um *podcast* é uma característica capaz de multiplicar ainda mais as potencialidades desta linguagem, especialmente quando falamos sobre uma adaptação de uma obra literária.

Que música usamos e que subjetividades foram evocadas em suas construções? O *podcast* é aberto pela música de David & Steve Gordon, “*Prayer for the four Direction*”, uma música xamânica norte americana, que começa com sons da natureza florestal e de pássaros, até passar para o toque de um tambor. É nesse momento que entra o narrador introduzindo o herói. A voz suave e arrastada oferece à música a

centralidade da peça desde o primeiro momento. A narrativa segue com esse BG enquanto introduz as histórias de infância do personagem principal de forma rápida, dando agilidade a abertura da série. São inseridas então tambores adicionais e chocalhos de músicas e áudios específicos de comunidades indígenas brasileiras.

CONSTANTE CONSUMO DE IDENTIDADE

É introduzida a obra modernista de Camargo Guarnieri, com “Dança Selvagem”, que irá compor a estética sonora da segunda passagem do primeiro episódio. O tango eletrônico da banda *Bajofondo* intitulado de “Zitarrosa” faz o trânsito entre as aventuras do herói na infância e a apresentação de sua personalidade maliciosa, nas primeiras cenas com a cunhada Sofará. A transição entre Camargo Guarnieri e *Bajofondo* acontece antes da narração das interações entre Macunaíma e Sofará, de maneira a possibilitar a construção de um cenário psicológico à partir da estética sonora.

A transição começa a inserir os constantes movimentos antropofágicos dentro do próprio *podcast*, uma vez que é a primeira música de característica eletrônica da narrativa, reforçando a apresentação de uma nova característica de personalidade de Macunaíma e apontando para o dinamismo estético do *podcast*, sempre em constantes movimentos de devorar várias influências musicais.

O tango enquanto ritmo musical e modalidade de dança é representado por caminhadas, tendo em sua estética evocações de movimentos. O instrumental de “Diferente” do grupo *Gotan Project* é mixado na passagem em que Macunaíma foge do curupira e depois em sua interação com Cotia. É uma passagem de muitos deslocamentos físicos e corridas na floresta. No conjunto do *podcast*, o ritmo é empregado para dar ritmo aos diálogos e para indicar o constante movimento de transformação que o projeto vai adquirindo.

No retorno do herói à tribo dos Tapanhumas, Camargo Guarnieri com “Dança Negra” compõem a estética sonora da caçada, que acaba com a morte acidental da própria mãe de Macunaíma. O silêncio então é empregado como forma de tornar a passagem mais suave e com múltiplas possibilidades de construção de sentido por

parte do ouvinte. Escolher determinadas trilhas poderiam sobrecarregar o trecho e limitar suas subjetivações.

Neste primeiro episódio há muitas músicas de óperas e orquestras, especialmente nas passagens no mato-virgem. Mesclando assim uma experiência “primitiva” com o “erudito e sofisticado” importando, segundo o pensamento eurocêntrico, e em alguns casos adaptado às terras e narrativas brasileiras. O sentido de movimento tem sua continuidade e ele encerra o capítulo com a música de Cartola “Preciso me encontrar”. É seu instrumental que marca com maior densidade o ingresso de Macunaíma na vida adulta, representado pela morte de sua mãe.

Outro efeito sonoro colocado no *podcast* e que nos permite múltiplas construções de sentido, é o barulho de um trem, na passagem em que a Índia Tapanhumas leva Macunaíma para o coberto vazio. O som da fumaça e buzina do trem podem indicar o trânsito entre lugares, mas também a passagem do herói deixando sua infância.

O segundo episódio do *podcast* nos possibilitou explorar os textos transversais, tão característicos do próprio movimento literário antropofágico, em que há uma referência, ainda que subjetiva, ao estrangeiro. Referência essa que ocorre de maneira estética. Na passagem que relata a aproximação de Macunaíma com Ci, mãe do mato, há uma denúncia a violência contra a mulher, a partir da estética sonora utilizada na constituição do *podcast*, uma vez que para a passagem utilizamos a música “Maria da Vila Matilde” de Elza Soares. Desta forma, sem alterar o texto de Mário de Andrade, conseguimos falar de um tema tão atual e importante e fazer uma denúncia de maneira estética, possibilitando aos ouvintes múltiplas construções de sentido.

Podcasting Macunaíma fala sobre violência contra a mulher, machismo, falocentrismo, racismo sem que essas palavras sejam pronunciadas e mesmo que (talvez) a obra original também não trate tais temáticas com a mesma perspectiva de denúncia. Enquanto o narrador diz que o herói brincou com a mãe do mato, a composição de Elza Soares expõe a violência contra as mulheres. Relaciona-se então o texto de Elza Soares com Mário de Andrade, em um movimento de instigar o ouvinte, e a partir dele o convida para um exercício crítico sobre a obra.

O contato de Macunaíma com a cidade de São Paulo e a cultura urbana começa a aparecer no início do episódio três. Nos trechos iniciais foram utilizadas duas versões

da música de Dorival Caymmi “Retirantes”, sendo a original produzida para a novela Escrava Isaura da rede Globo de Televisão e uma outra versão mais recente de Skafandros Orkestra, que possui o mesmo título. A música faz referência aos retirantes nordestinos e as dificuldades que enfrentam ao chegar no meio urbano, especialmente por conta de questões financeiras e de racismos estruturais. Esta dificuldade se apresenta na rapsódia. O herói vê suas riquezas naturais desvalorizadas pelas moedas locais em formato de papel. É obrigado a sobreviver com pouco e com dificuldades pela primeira vez. As diferenças também estão exaltadas quando Macunaíma tem contato com as máquinas paulistas.

“Não existe amor em SP” é a frase que abre a passagem do cantor Criolo na série. A música fala sobre a frieza da cidade, e de suas construções cinzentas. Depois do primeiro verso, o restante da canção é mixada apenas com o seu instrumental e ajudam a acionar sentidos de solidão e deslocamento dos irmãos em local novo. A composição de Criolo coloca a estética do *podcast* em um tom mais sóbrio, e transmitindo através de sua identidade, sensações do herói que não são narradas. Neste momento os ouvintes são convidados a sentir junto, participando da narrativa. Esta é outra característica do *podcast* que é colocada em atualização através de uma estética antropofágica - a imersão.

Os racismos também são elementos transversais no texto (assim como os machismos) que aparecem nas primeiras cenas do terceiro episódio. Nesta passagem, os irmãos encontram um lago mágico e Macunaíma, ao se banhar nele, transforma-se em um homem branco, deixando sua negritude nas águas, como se ela fosse uma sujeira indesejável. Ao ver o “milagre”, os irmãos correm para fazer o mesmo, mas sem tanto sucesso, pois a água já estava “suja”. Na estética sonora esta vontade de não ser negro e de enxergar a negritude como algo negativo é construída com a passagem de Elza Soares na música “A carne”: “Vou pedir para Santa Clara para clarear”.

EXALTAÇÃO DO NACIONAL

Na passagem “Quem que secundou?”, a primeira interação entre Macunaíma, seu irmão Manaape e o gigante Venceslau Pietro Pietra, os “Olhos Coloridos” de Sandra de

Sá se misturam com o instrumental da francesa *Zaz* com a música “*Je Veux*”. Uma vez que o episódio é intitulado a “Francesa e o Gigante”, é nele que a estética de músicas estrangeiras começa a se mesclar com as estéticas sonoras brasileiras, ainda que de maneira básica. Uma dá espaço para a outra, e ambas se alternam nesse local de interação, indicando movimentos, tensões e disputas de influência em um território simbólico que são as próprias passagens do *podcast*. Essa interação estética permite dar dinamismo à passagem ao mesmo tempo que por si só se constitui em uma transculturação antropofágica iniciada, e que nos episódios futuros ganhará centralidade.

O capítulo “Macumba” foi pensado a partir da estética de um ritual religioso dentro dele mesmo, assumindo e consumindo traços antropofágicos. Ele é aberto com a música de Martinho da Vila “Festa de Umbanda”. Mário de Andrade, neste capítulo, descreve a sua versão de um ritual de candomblé, e para constituir a sua estética, músicas genuínas da religião de matriz africana foram incorporadas buscando dar sentido às passagens. Entre elas “Toque de Atabaque” do Olodum, “Abertura de Exu” retirada do site de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*, no canal “cigana5” e “Exu veludo” do Templo Umbandista a Caminho da Luz, e é finalizado com “Candomblé Ketur” do canal “Canal CandombléBrasil”.

O episódio “Cartas para Icamíabas” marca uma importante passagem do texto de Macunaíma. É onde a assimilação do personagem a aspectos culturais paulistas, linguagem erudita, a herança europeia é posta com maior intensidade, chegando inclusive ao ponto de Macunaíma escrever uma carta para as Icamíabas, que muito provavelmente nunca irão recebê-la e, mesmo que a recebam, não irão lê-la. A sua existência, no entanto, se justifica na própria possibilidade de ser. O fato do herói conseguir e se propor a escrever através de uma linguagem erudita já aponta a forte presença do outro nos movimentos de transculturação do personagem.

Ainda que esta passagem e a linguagem sejam usadas para marcar diferenças culturais. A carta de Macunaíma diz respeito justamente aos aspectos que diferem o mato-virgem da capital paulista. Ele ainda narra suas histórias e vivências em um tom fantástico, como se estivesse descrevendo um lugar mágico, cheio que criaturas encantadas. Neste aspecto, o relato da urbanidade se assemelha às narrativas que

eram construídas pelos autores do Romantismo sobre a natureza, o Brasil, a Amazônia e os indígenas (CARVALHO, 2009). O tom de deslumbramento e encantamento agora não é mais protagonizado pelo europeu ou brasileiro urbano que se desloca para a floresta, mas sim do indígena que viaja à cidade.

Este trecho do *podcast*, diferente dos demais, é narrado por Macunaíma e não pelo narrador, recurso que fora utilizado para marcar a diferença textual proposta por Mário de Andrade, mas também para demarcar os processos de dinamismo linguístico de Macunaíma diante do contato. Em uma ordem estética, a passagem também reforça a ausência do narrador, desnaturalizando sua presença. O silêncio do narrador nesse momento possibilita uma maior percepção dele no retorno, o incorporando de forma mais definitiva como um personagem adicional da adaptação.

O episódio seis “A velha Ceiuci” marca na narrativa um importante passo dentro do movimento antropofágico expresso no *podcast*, pois é nele que os elementos estéticos internos, externos, estrangeiros, nacionais e híbridos começam a ser apresentados de maneira híbrida.

A primeira evocação desses movimentos é na abertura do episódio, em que começamos com a música “Toada e Desafio” do Quinteto Armorial, uma música de toada, mas que logo começa a ser remixada junto com influências estrangeiras, e ganha as batidas de “Mine” música de Beyoncé com o *rapper* Drake. A mixagem de ambas nos oferece algo diferente, uma espécie de “toada hip-hop” com influência de tambores africanos (uma vez que “Mine” também é uma música que converge outros estilos em si). O resultado não é “Toada e Desafio” nem “Mine”, mas sim um produto híbrido e único que dá uma característica própria ao projeto.

“A velha Ceiuci” também marca uma mudança nos modos de produção. Se até o episódio anterior, a edição do *podcast* era guiada por seu conteúdo, e a narrativa ditava as escolhas de trilha, a partir deste começamos a compor primeiro as músicas no processo de edição. As faixas foram escolhidas e mixadas antes mesmo que os áudios de narração tivessem sido incorporados ao projeto. A edição das vozes dos diálogos, também dão espaço à plasticidade através de ecos, mudanças de tom, de velocidade e de timbre. Sobreposições compõem alguns efeitos que são usados durante o BG “*Bigger*” de Beyoncé.

O episódio sete do *Podcasting Macunaíma* pode ser dividido em duas partes. Na primeira, são contados os últimos casos do herói em São Paulo, as músicas do movimento cultural dos anos de 1960, a tropicália, são o foco estético do projeto. Estão presentes “Alegria Alegria” de Caetano Veloso, que abre o episódio em uma versão instrumental e que logo se funde com o instrumental de “Drive” de Miley Cyrus, seguindo a composição estética adotada no episódio seis, ainda que elemento central seja a canção brasileira. “*Panis et Circenses*” de Os Mutantes e “Domingo no Parque” de Gilberto Gil também são construções tropicalistas presentes no *podcast*.

A primeira parte do episódio também caminha para um movimento de maior centralidade na personalidade do narrador. Se no primeiro episódio, a voz e a entonação do narrador eram quase uniformes e em alguns pontos propositalmente monótonas (como um quadro bege pronto para ser pintado), nos últimos episódios da série esse quadro ganha cores, a entonação passa a ser livre e traços da personalidade do narrador são mais perceptíveis através da estética de sua voz.

O “ENTRE-LUGAR”

Podemos dividir a história de Macunaíma em três grandes partes: a) o mundo comum; b) conflitos e; c) caminho de volta (denominações inspiradas na jornada do escritor de VLOGGER, 2015). No mundo comum, Macunaíma está no mato-virgem, seu local de origem, e embora já apresente diversos consumos de identidades, todas elas pertencem ao seu “mundo comum”. Nesta etapa do *podcast*, presente nos episódios um e dois, a predominância sonora é por músicas brasileiras, por mais que também já existam elementos estrangeiros. Estes estão em menor quantidade.

Durante a segunda etapa Macunaíma saí do mato-virgem e vai para São Paulo, onde entra em contato com a cultura urbana, tanto brasileira quanto de estrangeiros que moram na cidade. Esta etapa é caracterizada na rapsódia pelo constante consumo e transformação de elementos culturais diversos por parte de Macunaíma. Buscamos construir sentidos de permanente devoração com uma intensificação no uso de diversas músicas e estilos. Essa diversidade é presente nas obras brasileiras e estrangeiras e nos diversos segmentos da música nacional, como a toada, o samba, o

forró, a bossa nova, bolero, brega, *funk*. Ao mesmo tempo em que Mário propõe uma “desgeografização” do enredo, buscamos passear por ritmos de diversas localidades brasileiras.

Nestas duas etapas há como identificar as músicas e suas transições. Elas aparecem de forma independente, evidenciando suas características e seu contato com as demais. Há um reforço nas transições entre uma passagem e outra. A partir da terceira etapa, no entanto, Macunaíma recupera a Muiraquitã e começa o caminho de volta ao mato-virgem, porém, transformado depois dos contatos culturais que vivenciou em São Paulo.

A partir de então, nos últimos dois episódios do *podcast*, sua construção, especialmente em seu elemento sonoro mais primitivo, a música, começa a se alterar. Algumas músicas já apresentadas na produção retornam, mas desta vez modificadas, misturadas à outras também já apresentadas e com diversos elementos entre elas. O virtual se atualiza de maneira híbrida, que ao deglutir diversas músicas, as transforma. No caminho de volta o herói (re)percorre os pontos que o fizeram chegar ao desfecho, atualizando-os com os ensinamentos do caminho de ida (VLOGUER, 2015). Buscamos construir esse sentido revendo algumas músicas que já haviam sido utilizadas ao longo da produção e as transformando a partir do contato entre elas. O *podcast* então passa a devorar seus próprios elementos, em busca de mais uma vez, se transformar.

O episódio oito, continua esse movimento, dessa vez iniciando com Arlindo Cruz, “Meu Lugar”, no momento em que Macunaíma e os irmãos retornam à tribo dos Tapanhumas no mato-virgem. O samba é fundido com a trilha sonora de “As aventuras de Pi” e a música “*Piscine Molitor Patel*”. Camargo Guarnieri e sua “*Dança Brasileira*” se funde com Madonna “*Dark Ballet*” criando um elemento híbrido para o BG.

Na última etapa da rapsódia, Macunaíma está infeliz com sua realidade. Se vê sozinho no mato-virgem, sem mais ninguém da tribo dos Tapanhumas para lhe fazer companhia. Seu espaço geográfico está modificado e, depois de tanto trabalho para reaver a Muiraquitã, o herói a perde mais uma vez, ficando sem nenhuma lembrança de Ci triste, resolve ir para o céu, cansado dos casos da terra, e lá vive como uma “estrela inútil”.

Macunaíma é a história de um personagem que era dotado de todas as possibilidades de ser, com sua magia e jeito único de encarar as situações para ele colocadas, mas que mesmo assim, não conseguiu se realizar. Melo (2010) argumenta que sua narrativa se aproxima da própria história do Brasil, ao qual foi dada possibilidades de se colocar como alternativa às formas de se efetivar como de uma nação capaz de atualizar traços colonialistas europeus, mas que não conseguiu ou preferiu não ser (MELO, 2010).

Dialogando com esta narração, a estética se volta para uma construção melancólica. É feito um retorno, dessa vez não híbrido a música de Lucas Santtanna com “Mensagem de Amor”, já apresentada no episódio dois, buscando construir sentidos de melancolia. Acrescenta-se a música tema do filme “A Central do Brasil” e a finalização com os créditos é montada sobre a música de Tim Maia “Azul da cor do mar”. Não se buscou uma construção musical tão remixada e híbrida na finalização da série, mas sim uma trilha simples. O último ato estético do *podcast* é talvez o de menor teor antropofágico. Dialoga com a renúncia de Macunaíma. Juntos ambos apresentam a possibilidade de ser e na sequência sua negação.

CONSIDERAÇÕES

O processo de adaptação de uma obra literária para a linguagem sonora possibilitou aos pesquisadores e aos participantes convidados maior apreciação em torno de sua temática, bem como os próprios movimentos artísticos literários aos quais esta se relaciona. Quem adapta “Macunaíma”, não apenas precisa conhecer seu texto, mas seus contextos, seus mitos, entornos e enlaces, possibilitando assim intercâmbio fundamental entre as ciências literárias e comunicacionais.

Adaptar e atualizar *Macunaíma* e o movimento artístico-literário da antropofagia para novas linguagens emergentes permite que se valorize uma importante linha da vanguarda brasileira que auxiliou na instalação de um pensamento decolonial brasileiro diante da matriz cultural europeia. O *podcast*, como uma linguagem emergente que tem se popularizado cada vez mais tem grandes potencialidades nos processos pedagógicas e que pode incluir múltiplas estéticas na socialização de produções

literárias brasileiras, contribuindo para a produção de subjetividades, ampliação do senso crítico e inclusão de sujeitos.

A escolha do *podcast* como meio para a execução da adaptação é devido a sua facilidade de produção, circulação, além das características de seus sujeitos protagonistas. Trabalhar a adaptação apenas na linguagem sonora daria à possibilidade de veicular a produção em uma rádio. Entretanto, não é tão exequível a personalização no consumo, devido a pouca flexibilidade em relação ao horário do ouvinte, não permitindo reprises e pausas. No *podcast*, o “horário nobre” quem faz é o usuário, assim como as condições e o tempo de consumo. Tendo como suporte a internet, o alcance da produção rompe barreiras geográficas que a transmissão de rádio acarretaria, podendo assim alcançar usuários interessados em qualquer localidade com acesso ao ciberespaço. Além disso, o *podcast* possibilita subverter lógicas mercadológicas do rádio que por vezes podem ser excludentes, especialmente se considerarmos seus grupos de produtores. A *podosfera* se configura como um espaço de maior protagonismo amador do que os espaços convencionais do rádio. No caso desse projeto, o *podcast* permite também que pessoas com deficiência visual tenham acesso a obra literária de Mário de Andrade.

A série completa *Podcasting Macunaíma* pode ser encontrada nas principais plataformas de *podcast* no Brasil (*Spotify, Deezer, Soundcloud, Youtube*) e está acessível para qualquer sujeito com acesso a internet. Desta forma, esperamos que nosso projeto contribua para a disseminação desta importante obra brasileira, tanto por sua estética antropofágica quanto por sua pluralidade.

REFERÊNCIAS

ATHIAS, R. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira**: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Ed. UFPE, 2007.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CARVALHO, F. de A. de. Makunaima/Makunaíma antes de Macunaíma. **Revista Crioula**, n. 5. Niterói, n.p., jan./maio 2009. Disponível em: <http://revistas.usp.br/crioula/article/view/54943>.

CARVALHO, M. A Trilha Sonora do Cinema: Proposta para um “ouvir” analítico. Caligrama: **Revista de Estudos Revista e Pesquisa em Linguagem e Mídia**, São Paulo, v. 3, n. 1, n.p., jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/download/65388/67992>.

COUTO, M. de F. M. Tupy or not Tupy: Antropofagia hoje. *In: XXIX COLÓQUIO CBHA*, 1., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Comitê Brasileiro de História da Arte/UNICAMP: Espírito Santo; Rio de Janeiro, 2009. p. 340-348.

DELEUZE, G. **Bergsionismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MELO, A. C. Macunaíma: entre a crítica e o elogio á transculturação. **Hispanic Review**, Spring Township, v. 78, n. 2, p. 205-227, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25703517?seq=1>.

OLIVEIRA, P. C. J. A. de. **A NOVA ERA DE OURO DO RÁDIO**: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In: SANTIAGO, S. (org.). Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre a dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SCHAWARZ, R. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 39-48.

VOGLER, C. **A Jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

YOSHIMOTO, E. **Das ondas do rádio à teia da rede**: podcast café brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, São Paulo, 2014.

Sobre os autores

Lisiane Machado Aguiar

Possui Doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com bolsa CAPES com estágio de doutorado no exterior com bolsa sanduíche pelo projeto CAPES/DGPU N.40/2014, no Departamento de Comunicação Audiovisual da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB - Espanha), Pós-Doutorado com bolsa PNPd/CAPES na Universidade Federal de Roraima (UFRR), Mestrado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS com bolsa CNPq, Graduação em Comunicação Social (Hab. Jornalismo, Publicidade e Propaganda) pela Universidade

do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa de Iniciação Científica e intercâmbio de jornalismo com bolsa Santander na Universidade de Sevilha/ES e com bolsa de Mobilidade Mercosul na Universidade ORT/UY. Atualmente é professora e pesquisadora da UFRR.

Luan Correia Cunha Santos

Mestrado em Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), Graduado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo (UFRR), com especialização em rádio (UFRR); Coordenador do Núcleo de Pesquisas Experimentais em áudio (AmaCast) do Observatório Cultural da Amazônia - Amazoom; Integrante do Grupo de Estudos sobre Fronteiras GEIFRON; Bolsista CNPq-UFRR; Desenvolve pesquisas sobre comunicação, estética sonora, ética do jornalismo e antropofagia comunicacional.